E-BOOK GRATUITO

ROTINA DO NUTRICIONISTA NA FAZENDA DE CORTE

O QUE OLHAR NA CRIA, NA RECRIA, NA TERMINAÇÃO E NO CONFINAMENTO

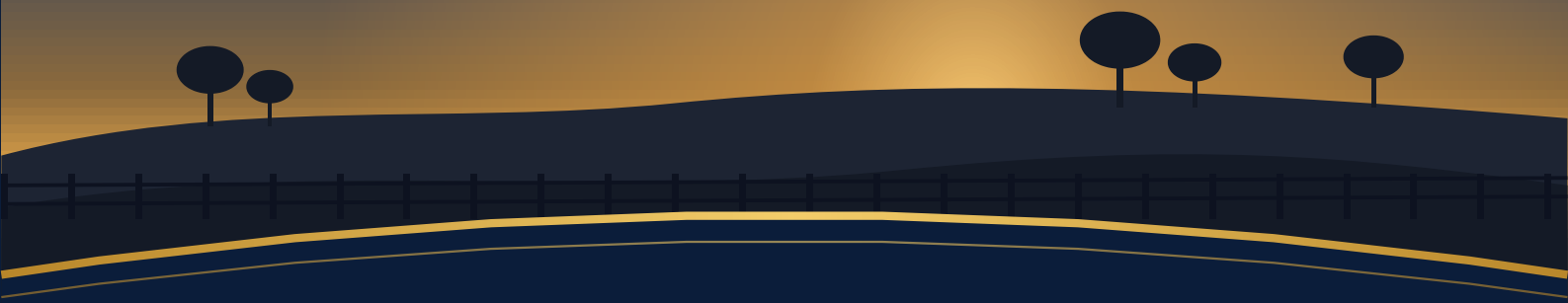
CRIA
ECC e reprodução

RECRIA A PASTO
Pasto e suplemento

TERMINAÇÃO A PASTO
Semiconfinamento e TIP

CONFINA-MENTO
Cocho, fábrica e dieta

VISITA TÉCNICA
Checklist completo



CALENDÁRIO ANUAL

PESAGENS E GMD

INDICADORES POR SEGMENTO

EQUIPE TREINADA

ÁGUA E FÁBRICA

RUMIDATA · NUTRIÇÃO DE RUMINANTES

ROTINA DO NUTRICIONISTA NA FAZENDA DE GADO DE CORTE

1ª edição — novembro de 2026
Elaboração e publicação: RumiData · Nutrição de Ruminantes

© 2026 RumiData. Todos os direitos reservados. Material gratuito. Pode ser compartilhado apenas na íntegra, sem alterações e mantendo os créditos da RumiData. É proibido vender, editar, recortar ou distribuir este conteúdo com outra marca (Lei nº 9.610/1998).

Aviso técnico. As informações deste e-book têm base na literatura científica citada e na experiência de campo da equipe técnica da RumiData. São orientações gerais: cada propriedade tem animais, alimentos, preços e objetivos próprios. Formulação de dietas, uso de aditivos e de ureia e decisões sanitárias devem ser acompanhados por médico veterinário ou zootecnista. A RumiData não se responsabiliza por resultados decorrentes do uso inadequado das informações.



CIÊNCIA NO COCHO, RESULTADO NA BALANÇA.

www.rumidata.com.br

SUMÁRIO

1 O nutricionista que a fazenda precisa

2 A visita técnica em três tempos

3 Rotina na cria

4 Rotina na recria a pasto

5 Rotina na terminação a pasto

6 Rotina no confinamento

7 Fábrica de ração e estoque

8 Registros e indicadores

9 Calendário anual do nutricionista

11 Próximo nível

— Referências

PARTE 1

O NUTRICIONISTA QUE A FAZENDA PRECISA

> A dieta no papel não engorda boi. O que dá resultado é a dieta que chega ao cocho todos os dias, do jeito que foi formulada, para o animal certo e na hora certa.

Na pecuária de corte, o trabalho do nutricionista vai muito além de formular. Ele conecta o pasto, o cocho, a fábrica de ração, o estoque, a sanidade e o financeiro. Por isso, a qualidade do serviço depende menos de uma visita brilhante e mais de uma **rotina**: o que é olhado todo dia, toda semana, todo mês e a cada safra, e quem faz cada coisa.

Este guia organiza essa rotina para todos os segmentos da fazenda de corte:

Segmento	Categoria	O que a nutrição decide
Cria	Vacas, novilhas, touros e bezerros	Taxa de prenhez, peso à desmama, idade à primeira cria
Recria	Garrotes e novilhas pós-desmama	Ganho na seca e nas águas, idade de entrada na terminação
Terminação a pasto	Semiconfinamento e TIP	Ganho, acabamento e data de abate
Confinamento	Bois e novilhas em terminação	Consumo, ganho, eficiência, saúde ruminal e custo da arroba
Transversal	Fábrica, estoque, água e registros	Precisão, custo e rastreabilidade de tudo acima

A REGRA DE OURO

O nutricionista não precisa estar na fazenda todos os dias, mas a rotina dele precisa. Isso só acontece quando a equipe sabe **o que medir, como anotar e quando avisar**. Treinar a equipe é parte do trabalho, não um extra.

PARTE 2

A VISITA TÉCNICA EM TRÊS TEMPOS

Uma boa visita começa antes de chegar à fazenda e só termina quando as decisões viram tarefas com responsável e prazo.

Antes da visita

- ☐ Revisar os registros desde a última visita: consumo, pesagens, fornecido, sobras, mortes e tratamentos.
- ☐ Conferir o estoque de insumos e as entregas previstas.
- ☐ Comparar o consumo real com o previsto na formulação.
- ☐ Listar as pendências da visita anterior.

Durante a visita

- ☐ **Andar antes de sentar**: pastos, cochos, bebedouros, currais, fábrica e armazéns.
- ☐ Olhar os animais: condição corporal, fezes, comportamento, uniformidade do lote.
- ☐ Conversar com quem trata, mistura e pesa. As pistas mais úteis vêm deles.
- ☐ Coletar amostras quando houver mudança de insumo, de silagem ou de pasto.

Depois da visita

- ☐ Relatório curto: o que foi visto, o que muda e por quê.
- ☐ Tarefas com responsável e prazo.
- ☐ Dietas atualizadas enviadas para a fábrica e para o gerente.
- ☐ Retorno combinado para as pendências críticas.

ERRO COMUM

Mudar a dieta sem antes conferir se a dieta atual está sendo executada. Quando o resultado não aparece, a primeira pergunta é: **o boi está comendo o que foi formulado?** Só depois vale discutir a formulação.

PARTE 3

ROTINA NA CRIA

> Na cria, o nutricionista trabalha para a reprodução. A vaca precisa parir, voltar a ciclar e emprenhar dentro da estação de monta.

Os momentos que mandam

O escore de condição corporal (ECC) é a ferramenta mais simples para acompanhar o estado nutricional do rebanho. Avalie o ECC pelo menos em três momentos do ano:

Momento	Por que avaliar	Decisão típica
Desmama	É o momento de separar as vacas magras	Lote de recuperação, pasto melhor ou suplemento
Parto	O ECC no parto é o que mais prediz a próxima prenhez	Meta de ECC 5–6 (escala de 1 a 9)
Início da estação / IATF	Define a resposta ao protocolo	Desmama precoce ou temporária para as vacas magras

Rotina por frequência

Frequência	O que fazer
Semanal	Consumo de mineral ou suplemento por lote; água e cochos
Mensal	Massa e altura dos pastos; estoque de suplemento
Por estação	ECC do rebanho; ajuste de lotação; vedação de pastos para a seca
Anual	Taxa de prenhez, natalidade, desmama e peso à desmama; plano para as novilhas de reposição

ATENÇÃO ÀS PRIMÍPARAS

A primípara ainda está crescendo, amamentando e precisa emprenhar de novo. É a categoria que mais falha na reconcepção. Separe as primíparas em lote próprio, com o melhor pasto e suplemento quando o ECC estiver abaixo da meta.

Bezerros e novilhas

- **Creep feeding**: funciona melhor quando o pasto é limitante e a suplementação continua depois da desmama. Sem isso, a vantagem tende a se perder por ganho compensatório.
- **Novilhas de reposição**: o peso-alvo à estação de monta define o plano de ganho desde a desmama. Faça a conta de trás para a frente: peso-alvo menos peso à desmama, dividido pelos dias disponíveis.
- **Touros**: avaliar a condição corporal antes da estação de monta. Touro magro ou gordo demais trabalha mal.

PARTE 4

ROTINA NA RECRIA A PASTO

> Na recria, o nutricionista é também gestor de pasto. Suplemento nenhum compensa falta de forragem.

Olhar o pasto primeiro

Pastos tropicais com menos de cerca de 7% de proteína bruta limitam a atividade dos microrganismos do rúmen. Nessas condições, o suplemento nitrogenado aumenta o consumo e o aproveitamento do pasto (Sampaio et al., 2009; Figueiras et al., 2010). Mas, para isso, é preciso ter pasto.

Capim (lotação contínua)	Altura máxima	Altura mínima
Xaraés e Piatã	40 cm	20 cm
Marandu, Paiaguás e Ipyporã	35 cm	20 cm
Braquiária decumbens	30 cm	15 cm

Embrapa, *Régua de manejo de pastagens*, edição revisada.

O suplemento certo para a meta

Meta	Suplemento	Consumo típico
Corrigir minerais	Sal mineral	Gramas por animal
Manter peso na seca	Mineral com ureia ou proteinado	≈ 0,1% do peso vivo
Ganho moderado na seca	Proteico-energético	0,2–0,5% do peso vivo
Ganho alto nas águas	Proteinado ou proteico-energético	≈ 0,2–0,3% do peso vivo

Rotina por frequência

☐ **Semanal**: consumo de suplemento por lote (kg fornecidos ÷ animais ÷ dias), comparado com a meta.

☐ **Semanal**: cochos cobertos, limpos e com dreno, principalmente para produtos com ureia.

☐ **A cada 30–60 dias**: pesagem de uma amostra do lote para calcular o ganho médio diário.

☐ **Mensal**: altura do pasto e ajuste de lotação.

☐ **Fevereiro a março**: vedação de pastos para a seca.

☐ **Transições**: mudança gradual de suplemento e adaptação à ureia antes da seca.

> **CONSUMO FORA DA META É SINAL DE ALERTA**
>
> Consumo muito acima indica falta de pasto ou suplemento palatável demais. Consumo muito abaixo pode indicar cocho mal posicionado, falta de água, produto empedrado ou excesso de sal na formulação. Investigue antes de mudar o produto.

PARTE 5

ROTINA NA TERMINAÇÃO A PASTO

> No semiconfinamento e na TIP, o cocho ganha peso na dieta. A rotina passa a se parecer com a do confinamento, mas com o pasto como variável.

Sistema	Consumo de concentrado	Ponto de atenção
Semiconfinamento	Cerca de 0,5–1% do peso vivo	Disponibilidade de pasto e espaço de cocho
TIP	Cerca de 1,5–2% do peso vivo	Adaptação, saúde ruminal e regularidade do trato

O que acompanhar

☐ **Diário**: horário de trato fixo; cocho vazio ou com sobras; animais que não vêm ao cocho.

☐ **Diário na adaptação**: escore de fezes e sinais de acidose ou timpanismo.

☐ **Semanal**: consumo médio por animal e por lote; estoque de ração.

☐ **A cada 30 dias**: pesagem e avaliação visual de acabamento.

☐ **Planejamento**: data provável de abate, escala no frigorífico e saída dos lotes.

ESPAÇO DE COCHO MANDA NO RESULTADO

Quanto maior a quantidade de concentrado, mais todos os animais precisam comer ao mesmo tempo. Cocho curto faz os dominantes comerem demais e os submissos de menos, o que aumenta o risco de acidose e a desuniformidade do lote.

PARTE 6

ROTINA NO CONFINAMENTO

> No confinamento, a rotina é diária e o custo de um erro aparece em poucas horas. É aqui que a disciplina vale mais.

Todos os dias

☐ **Leitura de cocho** antes do primeiro trato, sempre no mesmo horário, com escala definida (por exemplo, a escala de 0 a 4 da SDSU).

☐ **Ajuste do fornecido** por curral, com base na leitura e na sequência dos dias anteriores.

☐ **Horários de trato** cumpridos; atrasos registrados.

☐ **Escore de fezes** nos currais em adaptação e nos que mudaram de dieta.

☐ **Bebedouros** limpos e com vazão suficiente.

☐ **Ronda sanitária**, com a equipe do veterinário: animais apáticos, timpanizados, mancos ou com secreção.

Toda semana

☐ **Matéria seca da silagem** e dos ingredientes úmidos, para ajustar a matéria natural no vagão.

☐ **Carregado × formulado**: conferir no relatório da balança do vagão ou do software os desvios por ingrediente e por operador.

☐ **Consumo de matéria seca** por curral, comparado com o previsto.

☐ **Peneira de partículas** na dieta total, para checar a mistura e a fibra efetiva.

☐ **Estoque**: dias de cobertura de cada insumo.

TESTE RÁPIDO DE MATÉRIA SECA

Pese de 100 a 200 g da amostra, seque no micro-ondas em intervalos curtos até o peso parar de cair e calcule: MS (%) = peso seco ÷ peso úmido × 100. Se a MS da silagem cair, o boi está comendo menos matéria seca do que o formulado, mesmo com o mesmo fornecido em matéria natural.

Todo mês e a cada lote

- ☐ Análise bromatológica dos volumosos e de cada novo lote de insumo.
- ☐ Calibração da balança do vagão e da balança de pesagem.
- ☐ Custo da dieta por kg de MS e por animal por dia.
- ☐ Fechamento de lote: ganho, conversão, rendimento de carcaça, custo da arroba produzida e mortalidade.

PARTE 7

FÁBRICA DE RAÇÃO E ESTOQUE

A fábrica é o ponto onde a formulação vira comida. É também onde se perdem dinheiro e desempenho sem que ninguém perceba.

Etapa	O que conferir
Recebimento	Peso, umidade, aspecto, cheiro, presença de mofo e impurezas; amostra guardada de cada carga
Armazenagem	Local coberto e ventilado; sem contato com o chão; primeiro que entra, primeiro que sai
Silagem	Lona íntegra; face lisa; retirada diária suficiente para evitar aquecimento
Mistura	Ordem de carregamento e tempo de mistura definidos; vagão calibrado
Microingredientes	Pré-mistura pesada em balança de precisão; registro de uso por batida
Inventário	Estoque físico comparado com o estoque calculado pelo consumo

ADITIVOS E MICROINGREDIENTES EXIGEM CUIDADO REDOBRADO

Ionóforos e outros aditivos são usados em gramas por animal. Um erro de pesagem pode significar falta de efeito ou intoxicação. Siga as doses do registro do produto, mantenha o controle de uso por batida e restrinja o acesso ao depósito. Lembre que a legislação muda: desde a Portaria SDA/MAPA nº 1.617/2026, a virginiamicina e a bacitracina não podem mais ser usadas como melhoradores de desempenho.

MICOTOXINAS

Grãos e coprodutos podem trazer micotoxinas, e os coprodutos podem concentrar as que estavam no grão original. Rejeite cargas com mofo visível ou aquecidas, guarde amostras e analise quando houver queda de consumo ou desempenho sem outra explicação.

PARTE 8

REGISTROS E INDICADORES

> O que não é anotado não pode ser corrigido. A planilha da fazenda é o prontuário do rebanho.

Segmento	Indicador	Como obter	Frequência
Cria	Taxa de prenhez	Prenhes ÷ fêmeas expostas	Por estação
Cria	Taxa de desmama	Bezerros desmamados ÷ fêmeas expostas	Anual
Cria	Peso à desmama	Pesagem na desmama, ajustada por idade	Anual
Recria	GMD	(Peso final − peso inicial) ÷ dias	30–60 dias
Recria e terminação a pasto	Consumo de suplemento	kg fornecidos ÷ animais ÷ dias	Semanal
Pasto	Lotação	UA por hectare (1 UA = 450 kg de peso vivo)	Mensal
Confinamento	Consumo de MS	kg de MN fornecidos × % MS − sobras	Diário / semanal
Confinamento	Conversão alimentar	kg de MS consumida ÷ kg de ganho	Por lote
Confinamento	Rendimento de carcaça	Peso de carcaça ÷ peso vivo × 100	Por abate
Todos	Custo da arroba produzida	Custo total ÷ arrobas produzidas	Por lote / anual
Todos	Mortalidade	Mortes ÷ animais no período	Mensal

PADRONIZE ANTES DE COMPARAR

Pesagem sempre no mesmo horário e com o mesmo jejum, ou sem jejum, mas sempre igual. Indicador calculado de jeito diferente em cada lote não serve para comparar lotes, safras ou fazendas.

PARTE 9

CALENDÁRIO ANUAL DO NUTRICIONISTA

Referência para o Brasil Central. Ajuste os meses ao regime de chuvas e à estação de monta da sua fazenda.

Período	Cria	Recria e terminação a pasto	Confinamento
Dez – Mar águas	Estação de monta e IATF; ECC no início da estação	Maior ganho do ano; suplemento das águas; pesagens	Planejamento da safra; compra de insumos; ensilagem
Fev – Abr	Diagnóstico de gestação	**Vedação de pastos**; planejamento da seca	Fechamento da silagem; análise do material ensilado
Abr – Jun águas → seca	Desmama; ECC e separação das vacas magras	Entrada do proteinado; adaptação à ureia; ajuste de lotação	Entrada dos lotes; adaptação; formulação da safra
Jun – Set seca	Suplemento para vacas magras e primíparas	Uso dos pastos vedados; consumo semanal de suplemento	Pico da operação: rotina diária completa
Set – Nov seca → águas	Início das parições; ECC ao parto	Manter o suplemento até haver massa de pasto	Saída dos lotes; fechamento e análise da safra

CINCO DECISÕES QUE NÃO PODEM ATRASAR

- **Vedar pastos em fevereiro e março**: quem veda tarde chega à seca sem forragem.
- **Ensilar no ponto certo**: a silagem do ano inteiro é decidida em poucas semanas.
- **Comprar insumos com antecedência**: o preço e a disponibilidade mudam na safra.
- **Separar as vacas magras na desmama**: é o último momento barato para recuperar o ECC até o parto.
- **Adaptar à ureia antes da seca**: começar no meio da seca aumenta o risco e atrasa a resposta.

COMO USAR O CALENDÁRIO

Transforme cada linha em tarefas na agenda da fazenda, com responsável e data. Revise o calendário uma vez por ano, logo depois do fechamento da safra, com os resultados em mãos: o que atrasou, o que faltou e o que precisa mudar.

PARTE 10

CHECKLIST DA VISITA TÉCNICA

Use esta lista em toda visita. Marque o que foi visto e anote o que precisa de ação.

Área	Item	OK / ação
Pasto	Altura e massa compatíveis com a lotação	
	Pastos vedados para a seca (na época certa)	
	Sinais de degradação: solo exposto, invasoras, cupins	
Animais	ECC das vacas dentro da meta	
	Uniformidade e comportamento dos lotes	
	Escore de fezes e sinais de distúrbio digestivo	
Cocho	Consumo real × meta por lote	
	Espaço, limpeza, cobertura e dreno	
	Leitura de cocho registrada (confinamento)	
Água	Bebedouros limpos e com vazão suficiente	
	Acesso fácil e próximo aos cochos	
Fábrica	MS da silagem atualizada	
	Carregado × formulado dentro da tolerância da fazenda	
	Insumos armazenados sem mofo e sem umidade	
	Controle de uso de aditivos e microingredientes	
Registros	Pesagens e GMD em dia	
	Estoque com dias de cobertura calculados	
	Pendências da visita anterior resolvidas	

PARTE 11

PRÓXIMO NÍVEL

Este guia mostra a rotina. Cada etapa tem um aprofundamento nos e-books da coleção RumiData de gado de corte:

Se você quer aprofundar...	E-book RumiData
Cria	Nutrição da vaca de cria · Novilha precoce
Recria e pasto	Suplementação a pasto · Recria intensiva e Boi 777 · Planejamento forrageiro anual
Terminação a pasto	Terminação intensiva a pasto (TIP) e semiconfinamento
Confinamento	Adaptação ao confinamento · Formulação de dietas de terminação · Silagem
Fábrica e insumos	Processamento do milho · Coprodutos · Aditivos · Minerais e vitaminas
Gestão	Indicadores zootécnicos · Custo da arroba produzida

Acesse **www.rumidata.com.br** ou aponte a câmera para o QR Code no início deste material.

FONTES

REFERÊNCIAS

EMBRAPA. *Régua de manejo de pastagens* — edição revisada. Embrapa Gado de Corte.

FIGUEIRAS, J. F. et al. Consumo e digestibilidade em bovinos em pastejo durante o período seco recebendo suplementação com compostos nitrogenados. *Revista Brasileira de Zootecnia*, v. 39, n. 6, p. 1303–1312, 2010.

MAPA. Portaria SDA/MAPA nº 1.617, de 24 de abril de 2026.

SAMPAIO, C. B. et al. Dinâmica ruminal da fibra em detergente neutro em bovinos alimentados com forragem tropical de baixa qualidade e suplemento com compostos nitrogenados. *Revista Brasileira de Zootecnia*, v. 38, n. 3, p. 560–569, 2009.

SDSU EXTENSION. *Feed bunk management* — SDSU Feedbunk Scoring System (R. Pritchard). South Dakota State University.

THIAGO, L. R. L. S.; SILVA, J. M. *Aspectos práticos para suplementação de bovinos em pastejo*. Campo Grande: Embrapa Gado de Corte, 2004.

RUMIDATA



CIÊNCIA NO COCHO,
RESULTADO NA BALANÇA.

www.rumidata.com.br

© 2026 RumiData · Todos os direitos reservados. Material gratuito: compartilhamento permitido somente na íntegra e com os créditos. Venda proibida (Lei nº 9.610/1998).